



REI GAUDÊNCIO

# Livros

Vai ver se eu estou online!

Internet

Estamos online. Entre em [www.ipsilon.pt](http://www.ipsilon.pt). É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site conosco.

O romance onde Mia Couto leva mais longe o seu desejo de se renovar

## Ficção

### Férias com Freud

Sob o Sol da Toscana, uma história de iniciação à vida adulta, com medos, descobertas e sentimentos ambivalentes.

**José Riço Direitinho**

**Um Verão em Siena**

Esther Freud (traduzido por Maria João Machado) Edições ASA

★★★★★



Corria o mês de Julho e faltava uma semana para o casamento do príncipe Carlos de Inglaterra com Diana Spencer. Lara, que comemorara o seu 17º

aniversário havia três meses, estava de partida para Itália. Iam ser as suas primeiras férias com o pai, que mal conhecia. Lambert Gold habitava sozinho um

Esther é filha do pintor Lucien Freud, a quem serviu de modelo, e bisneta de Sigmund Freud - que se orgulharia dela pela maneira como alguns temas, sobretudo o sexo e a morte, são abordados



apartamento numa das áreas mais luxuosas de Londres. Era um historiador de renome e desde que a filha se lembrava, ele ocupava todo o seu tempo com a escrita de uma História de Inglaterra do século XX. Lara vivia com a mãe numa zona bastante modesta, localizada num subúrbio a norte de Londres - depois de ter

passado um longo período da infância numa comunidade budista na Escócia - e por vezes o dinheiro não chegava para pagar a conta do telefone. Desta vez, Lambert aceitara, finalmente, um convite da sua velha amiga Caroline (cuja saúde não estava no seu melhor) para passar umas semanas na sua casa na Toscana.

Com este resumo das páginas iniciais do livro, ajudado ainda pela capa e pelo título, o leitor poderá talvez ser levado a pensar que "Um Verão em Siena" é mais uma das muitas histórias de amores estivais, inócuas, lamechas e meio idiotas, que enchem as livrarias. Não é. O sexto romance da inglesa Esther Freud (n. 1963) - autora que no início da década de 90 a revista Granta incluiu na lista dos Melhores Jovens Romancistas Britânicos - é um mergulho (apesar de não muito profundo) nas emocionantes descobertas da adolescência, nos dolorosos rituais de passagem à idade adulta, no medo de crescer, na natureza da ambivalência do amor filial, nos segredos que os "crescidos" escondem e na sua complexa rede de relações. (Apesar de não haver no livro nenhuma personagem que figure o Complexo de Electra ou que sinta a "inveja do pénis", o seu bisavô Sigmund orgulhar-se-ia dela pela maneira velada e também bastante metafórica como alguns temas - sobretudo o sexo e a morte - são abordados. Esther é filha do pintor Lucien Freud, a quem por várias vezes serviu de modelo.)

O pai de Lara é um austríaco cujos pais enviaram para Inglaterra pouco antes da II Guerra, e que mudou o nome de Wolfgang Goldstein para Lambert Gold. Ela pouco ou nada sabe da vida do pai, e é durante a viagem e a estada italiana que alguns dos mistérios vão sendo aclarados. É curioso o jogo de significados e de significantes com que Esther Freud vai semeando a história. Na mudança de nome do pai, ele transforma o "Wolf" (lobo) em "Lamb" (cordeiro), o que mais tarde se entende, quando Lara descobre a sua apetência por relações com mulheres casadas - o historiador eremita transforma-se em predador. Ou então quase no final do livro, quando Caroline morre, Lara e Kip estão a ter relações sexuais na casa daquela, como se uma geração tivesse que morrer para dar o lugar à seguinte. Mas onde Esther Freud se mostra mesmo freudiana, é na descrição de um carreiro, o chamado "caminho de fuga", que liga a propriedade onde Lara passa férias a uma outra da família a que pertence Kip, o rapaz por quem ela se apaixonara: "Parecia uma pedra branca, mas quando se agachou, viu que se tratava de um par de seios, ali isolados, sem um corpo à vista. Os seios estavam maravilhosamente

esculpidos (...). Lara olhou para trás (...) e reparou noutras elevações que tinha julgado serem pedras delimitando o caminho. Fez o trajecto inverso, vagarosamente, inspecionando cada um dos montículos, mais seios, algumas nádegas e um pénis que teria deixado Miguel Ângelo envergonhado."

Ao sexto romance Esther Freud continua (como fez nos anteriores) a explorar os mistérios da adolescência e sobretudo das relações com um pai muitas vezes ausente (ou demitido) e com uma mãe adepta das modas "new age", carregando as histórias de inúmeras referências autobiográficas. Mas o que mais fascina nos livros de Freud, são as descrições sensuais dos vários ambientes, sejam eles em Siena ou em Londres, e ainda a sua capacidade de oferecer diferentes níveis de leitura a histórias que numa primeira abordagem parecem simples. Este romance é um bom exemplo.

## Elogio às mulheres

É o romance onde Mia Couto leva mais longe o seu desejo de se renovar.

**Isabel Coutinho**

**Jesusalém**

Mia Couto  
Caminho

★★★★★



Em "Jesusalém" aparecem temas recorrentes na obra do moçambicano Mia Couto, mas há algo de novo. O escritor vem dizendo que se quer surpreender a si próprio e reinventar a sua escrita. Até agora, esta será a obra onde mais se terá aproximado desse desejo. Quando na segunda parte do livro se começa a ler, na pág. 139 - "Sou mulher, sou Marta e só posso escrever. Afinal talvez seja oportuna a tua ausência" -, temos a sensação de que entramos num outro livro. Se não soubéssemos que se trata de Mia Couto, nunca o adivinharíamos. O escritor quis construir este romance como uma cebola que é preciso descascar. E é camada após camada, já próximo do fim, que tudo, neste universo mágico e poético, começa a fazer sentido.

Ficamos perplexos com o título. "Jesusalém", à primeira vista, parece ser "Jerusalém" [título de um romance de Gonçalo M. Tavares

também publicado na Caminho]. Não é. Mia Couto sabia que o título podia ser complicado e hesitou - por alguma razão no Brasil a Companhia das Letras mudou o título para "Antes de Nascer o Mundo". E o livro, que numa primeira versão terminava com a frase "Aqui está Jesusalém" (pág. 293), acabou por crescer. Mia Couto acrescentou parágrafos a partir dessa frase e deu ao romance um final mais optimista.

Entramos num mundo estranho que nos é contado por Mwanito, o afinador de silêncios, um rapaz que tinha "inclinação para não falar, um talento para apurar silêncios". O menino vive num ermo habitado apenas por cinco homens e a que deram o nome de Jesus-além: "Simplemente chamado assim: 'Jesusalém'. Aquela terra onde Jesus haveria de se sacrificar." (pág. 13)

A Mwanito e ao irmão, Ntunzi, o pai Silvestre Vitalício, que tinha "perdido os Nortes", explicou que o mundo terminara e que eles eram os únicos sobreviventes. Por isso acompanhamos o amadurecimento de Mwanito, criança que cresce sem mãe e sem mulher por perto. Aos 11 anos, conta Mwanito, vê pela primeira vez uma mulher e chora.

Naquele lugar que "é tão longe, que Deus se perde no caminho" vivem Silvestre Vitalício, o viúvo de Dordalma, que se manteve fiel à decisão de "emigrar para sempre da própria vida", Mwanito, o irmão Ntunzi (que "vivia num só sonho: escapar de Jesusalém") e Zacaria Kalash, o militar. O Tio Aproximado, que não vive naquele acampamento, traz notícias e mantimentos. Existe ainda a jumenta Jezibela e, a determinada altura, Marta, a portuguesa que vem alterar tudo. Embora o pai tivesse proibido naquele lugar os cadernos, o menino Mwanito aprende a ler: foi a guerra que o ensinou a ler as palavras. "As primeiras letras eu as decifrei nos rótulos que vinham colados nas caixas de material bélico." (pág. 44).

Neste território só de homens, as mulheres estão, apesar disso, sempre presentes. Mia Couto criou um romance em que a ausência das mulheres faz com que a sua presença ainda seja mais forte - o poder de Dordalma, Marta e Noci. É um elogio às mulheres e às vozes femininas (através dos poemas escritos por mulheres em epígrafe em cada capítulo). É também um livro onde se reflecte sobre a culpa, a memória, o esquecimento. E sobre o que é isto da vida.

Um dia o pai diz a Mwanito que Jesusalém é um lugar "cheio de milagres". "Nunca vi nenhum", responde-lhe o filho. "São milagres tão pequenitos que nem damos conta da sua ocorrência." Esta é a lição deste romance: "a vida é desafiada preciosa para ser esbanjada num mundo desencantado."

do chuveiro, quem tentava conciliar o sono e examinava as alturas do armário. A realidade, sem perder as dimensões anteriores, tinha adquirido outras novas, muito estimulantes.”

Honrando a tradição dos duplos e das suas sombras na história da literatura, Millás instala um dentro de si, aceitando esta espécie de *chip* biológico que o vigia como um pequeno irmão, numa escala actualizada daquela que George Orwell inventou em 1984.

## A fábula da leoa e do caçador

Mia Couto continua a provar que é muito mais do que um inventor de palavras.

Isabel Lucas

### A Confissão da Leoa

Mia Couto  
Caminho



O biólogo esteve na história e o escritor não resistiu a contá-la. Não como mero relato, mas transformando-

a numa peça literária comparável a uma fábula, género em que homens e bichos convivem em igualdade de verdades. Aconteceu em 2008. Mia Couto, biólogo de formação e profissão, estava no Norte de Moçambique, província de Cabo Delgado, a chefiar uma delegação de 15 pessoas quando surgiram notícias de mortes entre a população por ataque de leões, caso considerado raro por haver uma divisão territorial natural que impede o leão de atacar em sítio humano.

Se as primeiras mortes aterrorizaram a população, passados quatro meses as vítimas já ultrapassavam as duas dezenas. Com a equipa a dormir no mato, em tendas, alvo fácil para eventuais ataques, o biólogo pediu ajuda para resolver o problema pela raiz: “A liquidação dos leões comedores de pessoas”. Aos dois caçadores que chegaram de Maputo juntaram-se outros homens de Vila Palma, a povoação atacada, numa altura em que a frustração de quem caçava ia aumentando com o número crescente de vítimas: 26. Entre elas, apenas uma pertencia ao sexo masculino. Talvez porque “Deus já foi mulher”, lê-se no arranque deste *A Confissão da Leoa*, o romance que sucede a *Jesusalém*, talvez o mais significativo do autor a par de *Terra Sonâmbula*, por ser de



**Mia Couto recria uma situação real — uma vaga de ataques de leões na província de Cabo Delgado, Norte de Moçambique, em 2008 — neste livro sobre a vida em condições extremas, tão extremas que às vezes se confunde com a morte**

alguma forma o de uma ruptura assumida. O escritor confessou cansaço por a sua obra ser muitas vezes confundida com a de um jogo de linguagem, tal a quantidade de palavras e expressões “novas” que aparecem nos seus livros. Aqui, esse trabalho da língua como elemento vivo, capaz de suportar acrescentos de vocabulário, desde que com “regra”, continua, mas não é o traço mais visível. O que se nota é a enorme capacidade narrativa, de contador de histórias, e o respeito pelas vozes segundo as geografias e as condições socioculturais.

De volta ao real de onde partiu esta ficção: só ao fim de dois meses o grupo de contratados conseguiu caçar os leões, esforçando-se por não ouvir o que a população ia sugerindo, que “os verdadeiros culpados eram habitantes do mundo invisível, onde a espingarda e a bala perdem toda a eficácia.”

Difícil ser escritor e resistir a esta história vivenciada pelo biólogo. Mais difícil ainda quando um e outro são o mesmo, correndo o risco de o que escreve se deixar contaminar pela proximidade dos factos. Mia Couto soube precaver-se e o resultado é um livro sobre a vida em condições extremas, tão extremas que por vezes não se distingue da morte, naquela geografia onde as mulheres, que já foram as tais deusas, não passam agora de seres subjugados à condição de não poder levantar os olhos do chão.

Estamos na aldeia de Kulumani, “terra onde sobrevivem ilusões e certezas”, como refere Mariamar, nome

dado pelo avô Adjiru — “não te dou apenas um nome”, disse-lhe, “dou-te um barco entre mar e amar” —, irmã da mais recente das vítimas dos leões, Silência. Ela é a personagem que divide a narração deste livro com Arcanjo Baleiro, caçador de passado sombrio, mulato da capital, apaixonado pela cunhada, que vamos conhecendo através do diário que o leva a esta que anuncia como a sua última caçada.

O romance começa com esse luto feito no desmoronar de uma comunidade que vive entre um presente onde não encontra explicações e os mitos fundadores de uma sabedoria que só a guerra foi capaz de abanar. “Quanto mais a guerra nos roubava certezas, mais carecíamos da segurança de um passado feito de ordem e obediência.” A mesma guerra que abandonou corpos aos enterros e os ofereceu como comida aos leões, fazendo cair as regras do convívio entre homens e animais.

Mariamar é a metáfora dessa contradição, uma mulher abusada pelo pai e sacrificada pela mãe, que se sente enterrada em vida e vê no rio que o avô lhe ensinou a ler a fuga a um destino que rejeita. Ela que nunca cumpriu a sua condição de esposa e mãe, nem se acomoda ao ambiente de subjugação feminina, numa terra cheia de defeitos, onde não são só os leões que têm garras. É desta voz que Mia Couto se serve para narrar uma história onde tudo pode ser verdade. Até os sonhos. Uma mulher que aprendeu a usar a palavra escrita, contra tudo o que era do direito das mulheres,

e fez dessa palavra escrita “a máscara” com que se deu a conhecer, a peçonha de que se quer livrar. “Tal como o avô, que esculpia madeirinhas às escondidas, eu mantinha uma incumbência secreta. A palavra desenhada no papel era a minha máscara, o meu amuleto, a minha mezinha.”

A voz de Mariamar, personagem rica, apaixonante (talvez uma das mais fortes criadas por Mia Couto) surge intercalada com a de Arcanjo Baleiro, o caçador a quem a mãe disse não ter nascido para caçar. Uma voz por capítulo numa estrutura descomplexada, linguagem fluida, sem excessos fantasiosos, antes num delírio que é, sobretudo, criativo e faz parte da condição de ser africano, polifónico, politeísta, habitante de um mundo onde a natureza fala através de sinais que o homem tenta descodificar para melhor se situar nela, um homem que se quer agarrar a uma explicação, por mais excêntrica que possa parecer a um urbano, antes que aquilo que une os homens se desfaça e eles não se distingam dos animais.

É isso que Gustavo Regalo não entende. Ele é um jornalista de Maputo que vai fazer a reportagem da caçada de Baleiro. É a ele que Baleiro pergunta se sabe o que é um leão, a mesma pergunta que um dos homens de Vila Palma terá feito ao Mia Couto biólogo. Gustavo, o jornalista escritor, é um descrente da natureza, crítico da profissão de Baleiro, o “das balas”, que provoca, logo no início, avisando que é contra caçadas. Como resposta tem a impaciência face à sua

arrogância ignorante: “O problema, caro escritor, é que você nunca viu um leão.” Nunca esteve em frente a um num lugar onde é o leão quem manda.

E o livro corre veloz como o leito do rio que atravessa Kulumani. Sem malabarismos linguísticos, facilidades poéticas. Limpo, eficaz. De uma simplicidade que por vezes causa desconcerto, mas que só é simples porque no manuseio das palavras está um narrador experiente, sensível às tais vozes que sempre o comandam e que aqui são as vozes registadas em dois diários improváveis: a de uma mulher que faz a diferença em território de homens e a de um caçador que quer esquecer a caça. Talvez por isso a caçada aqui seja o que menos interessa. Citando Walter Benjamin: “No final, é como se a captura fosse o preço que tenho de pagar para recuperar minha existência humana.”

## Uma colecção de esquecidos

Uma melodia sobre os desaparecidos da guerra e do capitalismo desenfreado, num país onde o esquecimento é morte.

Isabel Lucas

### Teoria Geral do Esquecimento

José Eduardo Agualusa  
D. Quixote



Esquecer pode ser matar ou morrer; escolha, necessidade, perdição. Talvez o esquecimento seja o medo maior, o que

mais aflige cada um dos homens, mas há quem hipoteque a vida para esquecer e ser esquecido. Para Ludovica Fernandes Mano, portuguesa de Aveiro levada para Angola pouco antes da independência da ex-colónia por não saber viver sozinha, fazer-se esquecer foi um modo de sobreviver. Ironia entre as muitas que vão amaciando as tragédias do mais novo romance de José Eduardo Agualusa. *Teoria Geral do Esquecimento* é mais um livro onde o escritor luandense recupera o passado recente do seu país, numa tentativa de o entender naquilo que tem de surreal, de inverosímil, de excesso e de falta. Socorreu-se, para isso, da sua própria colecção de desaparecimentos, como uma das fugazes personagens que habitam este romance.

*Teoria Geral do Esquecimento* começou por ser pensado para guião de um filme, mas o que se lê aqui é outra versão. O ponto de partida é apresentado como um facto real, mas não passa de uma invenção. Grande ideia para uma narrativa, sublinhe-se. Em 1975, depois de ser declarada a independência de Angola, sem notícias da irmã e do cunhado, angolano do Catete que todos pensam ser português pela clareza da pele, Ludovica barricou-se num apartamento de um dos edifícios mais exclusivos da capital angolana, o chamado “Prédio dos Invejados”. Lá fora andava o caos que tomou conta das ruas de Luanda. Aí permaneceu durante quase 30 anos numa aventura de sobrevivência solitária. Mais do que esquecer, foi esquecida. Ou quase.

Ludovica nunca gostou de olhar o céu, tinha pânico de multidões e “espaços abertos”. Era assim em criança. Ficou pior depois de um acontecimento inominável na sua juventude, ao qual se refere como o Acidente. A partir de então, passou a viver em função da irmã, Odete, que se apaixonou por Orlando, o tal angolano, viúvo, sem filhos, que foi a Aveiro “resolver uma

complexa questão de heranças.” Odete casou com Orlando e o destino era viver em Angola, onde o engenheiro trabalhava para uma empresa de diamantes. Ludovica, ou Ludo, temendo a separação da irmã, ofereceu-se para seguir com o casal e ser uma espécie de governanta. Foi assim que chegou a um país onde achou um céu maior. “Esmaga-nos”, confessou um dia a Odete, incapaz de se aproximar das janelas.

Ludo tem tudo para ser uma personagem inesquecível dentro da sua tentativa de inexistência. Quando o cunhado lhe oferece um cachorro para atenuar a sua solidão, chama-lhe Fantasma. Quando a revolução eclode e o cunhado celebra, acompanha a irmã na vontade de regressar à metrópole, e no dia em que Orlando, apontado como possível governante num país com falta de quadros nacionais, decide que afinal não vai ficar e sai com a mulher para se despedir dos amigos, Ludo vê-se inesperadamente sozinha. O casal desaparece na confusão independentista.

O que se segue é a tal luta pelo esquecimento. Ludo quer que a esqueçam, que ninguém

se lembre de a procurar num apartamento cobiçado por quem sabia do que ela não desconfiava: a existência de um saco com diamantes. Por isso Ludo mata. Por isso também ergue uma parede para tapar a porta de entrada e enterrar-se num apartamento no centro da guerra que ia ouvindo, mas da qual só sabia aos soluços, quando o rádio ainda dava.

Sobreviver ao silêncio, à solidão, era fácil. Encontrava refúgio nos milhares de livros da biblioteca do cunhado, no que ia escrevendo. Primeiro em papel e, quando o papel acabou, nas paredes. Manteve-se viva com a água da chuva, a fruta das árvores do terraço, disputando os pombos com Fantasma, o cão, queimando livros e os móveis e o soalho até não restar quase nada, nem a visão que apenas ia registando sombras.

Ludo é o centro, mas não é tudo. Há ex-combatentes, soldados, detetives, jornalistas, meninos na rua, loucos, porque esquecer é difícil. A guerra sempre com as feridas abertas e uma música que atravessa todo o livro. Um blues, talvez, toada negra mas com notas mestiças num lugar onde o racismo está em quase todas as frases. Às vezes é samba, também, nas conversas de rua, no mítico mercado do Roque Santeiro, onde Sabalu, o menino que aprendeu a viver na guerra, troca pratos por remédio e comida depois de ter descoberto uma velha fechada num apartamento, sem vista, com fome. É outra vez, ou ainda, Ludo, ela que caçava pombos com diamantes. Um voou e mudou vidas. Também a dela, que foi registando esses anos nas paredes, palavras a carvão. “Compreendi, ao longo dos últimos anos que, para acreditar em Deus, é forçoso confiar na humanidade. Não existe Deus sem humanidade.” Mas ela, solitária, continua sem fé, em solilóquios catárticos com as paredes.

As outras personagens vão e vêm – Jeremias, o Carrasco, Magno Moreira Monte, o revolucionário traído, Maria da Piedade Lourenço, uma filha dada à adopção, Pequeno Soba, o que se fez louco, andou preso por estar lúcido e enriqueceu um dia por acaso, ou Daniel, o jornalista colecionador de desaparecimentos –, mas é em Ludo que apetece parar. É dela que queremos saber, desse longo esquecimento e da dor de ter existido. José Eduardo Agualusa dá essa melodia com a toada de um mestre. E, findo o livro, fica a sensação de que daqui pode ainda surgir uma teoria menos geral do esquecimento. Ludo está mesmo a pedi-las.



**O passado recente de Angola dissecado para que seja possível entendê-lo naquilo que tem de inverosímil: a missão de Agualusa**

# GRUTA E CRÂNIO

Desenho\_1963-2011

## José de Guimarães

Curador: Nuno Faria



Exposição: de 23 de Maio até 28 de Julho  
Horário: de quarta-feira a sábado, das 15h00 às 20h00 (excepto feriados)

Conversa: 26 de Maio, sábado, às 17h00 | José de Guimarães e Nuno Faria

fundação carmona e costa

Edifício Soeiro Pereira Gomes (antigo edifício da Bolsa Nova de Lisboa)  
Rua Soeiro Pereira Gomes, Lte 1- 6.ºD, 1600-196 Lisboa  
(Bairro do Rego / Bairro Santos) | Tel. 217 803 003 / 4  
www.fundacaocarmonaecosta.pt



Parque de estacionamento mais próximo: Hotel Sana  
Metro: Sete Rios / Praça de Espanha / Cidade Universitária | Autocarro: 31

